

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE ROMA

Responsável: Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming

PERONI, R. Comunità e insediamento in Italia fra Età del bronzo e prima Età del Ferro. In A. Momigliano; A. Schiavone (Dir.) *Storia di Roma*. Vol. I, Roma in Italia. Torino: Giulio Einaudi editore, 1996: 3-37. Trechos selecionados e adaptados. Notas da tradução (M.I.D.A.Fleming).

1 – Comunidades e ocupações na Itália entre a Idade do Bronze Média (sécs. XVI-XIV a.C.) e 1ª Idade do Ferro (sécs. X-IX a.C.)

Os vestígios arqueológicos mais antigos na área urbana de Roma remontam ao Bronze Médio (BM) (s. XIV a.C.), sendo a primeira ocupação no Capitólio. Traços de vida que se encaixam quase sem se perceber no processo de formação de um verdadeiro centro urbano tiveram continuidade, sem interrupção, primeiramente no vale do Fórum e no Palatino, seguidos pelos montes Esquilino e o Quirinal.

Isso não constitui exceção para a Itália deste período, mas representa, digamos, uma norma. É um fenômeno que resulta de **duas tendências** relativas ao arranjo dos conjuntos de habitações (aspecto físico) e que revelam as características da estrutura das comunidades (aspecto social):

1. Continuidade de assentamento

2. Processo de seleção
concentração \Rightarrow da ocupação

Antes da Idade do Bronze era rara a continuidade de ocupação num sítio aberto (não mais do que uma ou duas fases arqueológicas).

O fenômeno passa a ser cada vez mais presente e com duração cada vez maior. É uma tendência constante através dos séculos, com variações locais, mas pode-se atribuir ao fenômeno um valor essencial:

- após o Bronze Antigo (BA) (séc. XVII a.C.) manifesta-se na área transpadana centro-oriental;
- após o BM (séc. XVI a.C.) manifesta-se no resto da Itália.

Nas regiões com processo de estabilização de assentamento a partir do BM, as novas escolhas para local de moradia são condicionadas por exigências de **segurança e controle estratégico de território**.

Predominam os assentamentos nas alturas (defesas naturais, penhascos). Também há sítios em ilhas e em promontórios.

Onde não há morfologia desses tipos de terrenos, são escolhidas elevações ou alças

de rios. Um exemplo são os terramares.¹ Sabe-se da função de fortificação dos diques e valas que cercam esses sítios.

A tendência constante e crescente é a procura de locais mais seguros e núcleos de habitações sempre mais consistentes.

O quadro de um crescimento demográfico deve ser analisado tendo em vista os diferentes tipos de sítios.

Sítios da Itália setentrional – área padana (Vale do Pó)

Nesses sítios, o aspecto do crescimento territorial prevalece sobre o aspecto de seleção do local (defesa, estratégia de controle).

- sítios do BM mais recuado (s. XVI a.C.): área \pm 4.000 e 6.000 m² (1 hectare)
- sítios do BM tardio (s. XIV a.C.): área supera constantemente 1 hectare
- sítios do Bronze Recente (BR) (s. XIII a.C.): áreas atingem até várias dezenas de hectares

Portanto, no BM tardio e BR, são frequentes assentamentos de 1 a 10 hectares com uma a várias centenas de habitantes.

No vale padano centro e sul-oriental, o período do BM tardio ao BR é de um florescimento material e cultural extraordinário. Consequentemente, observa-se uma notável expansão demográfica e o crescimento da capacidade de obtenção e de aproveitamento de recursos. É testemunho deste fenômeno a produção metalúrgica impressionante numa região totalmente carente de jazidas metalíferas.

No decorrer do séc. XII a.C. – passagem do BR ao Bronze Final (BF) – ocorre nesta região o oposto desse fenômeno de expansão e florescimento: a quase ausência de vestígios arqueológicos. Configura-se um abandono geral: a quantidade limitadíssima de assentamentos e de vestígios do BF indica uma gravíssima crise de despovoamento. Atualmente, propõe-se uma explicação de tipo ambiental para esse quadro:

- processo de degradação pela exploração excessiva da vegetação e do solo;
- exaustão de recursos;
- colapso total do sistema econômico e de ocupação.

Sítios do centro e sul da Itália

Contrariamente ao norte da Itália, a evolução do assentamento nestas regiões apresenta-se regulada por um mecanismo progressivamente seletivo. Cada vez mais prevalecem as exigências de ordem **tática, estratégica e “política”**.

¹ Talvez do latim *terra mala*; plural *terramares*. Terreno especial, argiloso que na Itália se encontra sobretudo na área de Módena e da Região Emília. Nesta região foram encontrados restos de ocupações pré-históricas sobre palafitas. Os próprios sítios pré-históricos são denominados terramares.

Sul – Apúlia e Calábria

A maior parte dos sítios que tiveram uma ocupação continuada do BM até a Idade do Ferro (alguns desde o BM mais recuado, s. XVI a.C.) tornaram-se grandes centros.

Centro – Etrúria meridional e *Latium vetus* (área médio-tirrênic)

Como no sul, existe claramente uma relação entre continuidade de assentamento e características morfológicas e topográficas dos sítios. A totalidade, ou quase, das ocupações do BM e BR que não estavam em locais altos não chegou ao BF. Nos sítios contemporâneos protegidos (em planaltos com paredes abruptas, ou em locais elevados), a vida continuou durante o BF (sécs. XII-XI a.C.)

Em alguns centros do *Latium vetus* (Roma: Capitólio e Sant’Omobono; Ardea; Lavinio: Pratica di Mare) esta continuidade atravessará a 1ª Idade do Ferro (sécs. X-IX a.C.), chegando ao período histórico.

Na área médio-tirrênica, na escolha dos locais, temos, então, um fenômeno que associa:

- estabilização da ocupação;
- prevalência das exigências tático-estratégicas sobre aquelas puramente econômicas.

Dados relativos a áreas particularmente bem exploradas parecem documentar para o BF (sécs. XII-XI a.C.):

1. Tendência }
à concentração do assentamento (nº de sítios reduz-se ± à metade)
à ampliação correspondente dos territórios respectivos

2. Tendência à ampliação da área ocupada pelas habitações:

- a maior parte dos sítios do BM tinham superfícies limitadas (inferiores ou pouco maiores que 1 hectare);
- do BM tardio ao BR a área habitada dos sítios amplia-se para vários hectares.

Conclusão para a área médio-tirrênica:

- uma evolução da ocupação no sentido de:
 - . uma estabilização crescente;
 - . uma adequação às necessidades defensivas cada vez maiores;
 - . uma adequação ao aumento demográfico global e das comunidades isoladas.

Tal evolução não teve grandes saltos antes do início da Idade do Ferro (s. IX a.C.)

Área médio-adriática

Foram documentados inúmeros casos de assentamentos continuados, especialmente nas Marcas. Não é clara a incidência do fator morfológico-topográfico sobre eles. Entretanto, na maior parte dos casos a continuidade é mais limitada, ou do BM ao BR, ou do BR ao BF. Somente em casos excepcionais registram-se ocupações do BM ao BF.

2 – A ocupação na Idade do Ferro Inicial (séc. IX a.C.)

Características topográficas e demográficas

Na passagem da Idade do Bronze para a do Ferro, o território da Itália continental separa-se em duas zonas que apresentam **modos de assentamentos completamente diferentes**.

1.

- a maior parte da Itália setentrional
- a porção adriática da Itália central
- a parte tirrênica que inclui o Lácio ao sul do Tibre
- a Itália meridional com exceção da Campânia

2.

- a antiga Etrúria:
 - . o Lácio ao norte do Tibre
 - . a Toscana
 - . parte da Úmbria atual:
 - . com uma extensão ao norte dos Apeninos (região bolonhesa)
 - . uma porção da atual Emília Romagna
- a Campânia, ou a maior parte dela

Na zona 1 não acontecem rupturas significativas na continuidade de ocupação dos sítios. Na zona 2 nascem improvisamente centros já plenamente “proto-urbanos”: há uma mudança brusca **na continuidade de ocupação** e de forma integral **nas características estruturais da ocupação**.

Começemos pela zona 2.

Zona 2

Etrúria

Nesta área, a primeira manifestação arqueológica, imediata e clara, é que, rarissimamente, um local apresenta materiais do BM e da Idade do Ferro. Os registros da Idade do Ferro estão, na maior parte, concentrados em futuros grandes centros urbanos: Veios, Cerveteri, Tarquínia, Vulcis, Bizêncio, Populônia e Vetulônia. Por outro lado, os vestígios do Bronze estão espalhados por um número muito superior de sítios em todos os territórios da região. Aqui se apresentam dois fenômenos:

- a) o **abandono** imprevisto, completo e simultâneo de dezenas e dezenas de assentamentos populosos **em pleno florescimento**
- b) o **surgimento** de um número **incomparavelmente mais limitado** de centros **dezenas de vezes mais extensos**, inseridos no âmbito de um **desenvolvimento cultural ininterrupto**

As hipóteses explicativas não consideram que esses fenômenos sejam migrações, tráficos e influências culturais ou catástrofes naturais; mas propõem fatores internos de tipo sócio-político que podem ser sintetizados com o termo **sinecismo**.²

Inicialmente, surgem cinco grandes centros atribuídos à cultura vilanoviana:³ Veios, Cerveteri, Tarquínia, Vulcis e Volsinii (atual Orvieto).

A morfologia desses sítios tinha as mesmas características geológicas e de defesa perimetral dos sítios do BF. Apenas há uma **alteração das dimensões**. Trata-se de uma ordem de grandeza completamente diferente.

- BF \Rightarrow a área de delimitação e de defesa: \pm 4 ou 5 hectares
- grandes assentamentos “vilanovianos”: \pm 126 hectares (quase 30 vezes maiores)

A mesma relação se dá na escala do território dos sítios “proto-vilanovianos” (sítios anteriores à Idade do Ferro) e do território dos centros proto-urbanos:

- sítios “proto-vilanovianos” \Rightarrow territórios: 20 a 60 Km²
- centros proto-urbanos \Rightarrow territórios: 900 Km² (Cerveteri) a 1500 Km² (Veios)

Há registros do número de sítios abandonados no território de alguns desses centros: 26 no território de Tarquínia; 18 no de Cerveteri e 16 no de Vulcis. Esta constância exclui saltos demográficos bruscos. É uma transferência maciça de população, planejada de alguma forma de modo a **manter inalterada a densidade do povoamento nas áreas habitadas**.

No novo arranjo do assentamento, num primeiro momento, mantiveram-se as características do tecido habitacional e as condições da vida cotidiana no interior do assentamento. Entretanto, mudaram radicalmente a relação com o território e o modo de sua exploração econômica. Efetivamente, não é possível comparar as duas situações: na primeira, algumas centenas de indivíduos exploram recursos de territórios com algumas dezenas de Km²; na segunda, mais de 10.000 indivíduos exploram territórios superiores a 1.000 Km².

Evidenciou-se que nenhum ponto atribuído aos grandes assentamentos da 1ª Idade do Ferro está a uma distância superior a 40 Km do centro.

- qualquer zona era alcançada com um dia de caminhada, no máximo;
- na maior parte dos casos era necessário pernoite, portanto, uma permanência mais prolongada no local do trabalho e, conseqüentemente, a existência de centros

² Do grego, *sinoikismós* (συνοικισμός) συν οικεω = morar junto.

³ A cultura vilanoviana deve seu nome à localidade de Vilanova, próxima a Bolonha, onde foram encontrados os primeiros vestígios de uma cultura material que mais tarde se revelaria como típica de toda a Etrúria.

menores ou de qualquer outra forma de assentamento.

Foram individuados poucos desses centros menores: um ou dois para cada grande centro. Na fase recente da 1ª Idade do Ferro (séc. VIII), cresce consideravelmente o número desses centros satélites. Surgem em boa parte das áreas periféricas. Mas, na fase final da Idade do Ferro, as características na área de exploração agrícola eram assentamentos esparsos, “fazendas” ou habitações isoladas, ou estruturas de tipo cabana para estadia periódica. São elementos de traços arqueológicos fugazes que escapam a levantamentos não muito sistemáticos.

Campânia

Esta área possui analogias com situações documentadas na Etrúria.

- Cápua “vilanoviana”: ocupação do BF (Sant’Angelo in Formis) foi substituída por um grande centro com dimensões semelhantes aos maiores aglomerados da Etrúria. A poucos quilômetros de distância iniciam as necrópoles de Sta. Maria Capua Vetere na 1ª Idade do Ferro;
- os centros Pontecagnano e Sala Consilina possuem apenas vestígios do século IX;
- Cuma é uma exceção: foram encontrados alguns objetos metálicos do BF que parecem atestar uma continuidade na acrópole,⁴ de modo semelhante ao que se dá no Lácio. O interessante de Cuma é que este centro suplantou não um centro “proto-urbano” como os da Etrúria, mas um assentamento indígena de dimensões bem reduzidas. Foi neste pedaço de terra campânica que os gregos fundaram sua primeira colônia do continente.

Zona 1

Conforme referido acima, esta zona é caracterizada pela continuidade de ocupação. Este espaço, na verdade, se divide em várias zonas distintas, com evidências bem diversas entre si.

1. *Latium vetus* – Lácio ao sul do Tibre

É a área geográfica mais próxima da Etrúria. A mais semelhante, por outros aspectos do desenvolvimento do assentamento:

- caracteriza-se por um desenvolvimento proto-urbano bem precoce;
- não está ligado ao surgimento de novos centros;
- os já existentes têm um crescimento progressivo;
- não é observável ou não tem importância o abandono de sítios anteriores.

Ardea, Lavinio, Satrico, Gabii, Ficana e Roma acusam uma continuidade de vestígios desde o BM até a 1ª Idade do Ferro. Suas necrópoles atestam vestígios materiais

⁴ Acrópole, literalmente significa cidade de um local elevado, do grego *ácron* (cume, sumidade) *pólis* (cidade).

desde o BF. As áreas de assentamento e de território mantêm-se até a 1ª Idade do Ferro, de modo semelhante ao período anterior. Alguns têm um aumento, porém muito inferior aos “agregados vilanovianos”: a área ocupada chega a 50 hectares e o território a 200, 300 Km². A única exceção é Roma.

À primeira vista, ocorre uma série de ampliações progressivas. O exemplo evidente é Ardea: no BM já apresentava uma acrópole protegida. Na Idade do Ferro surgem Cività Vecchia e Casalazzara. A primeira passou das dimensões normais de um grande centro da Idade do Bronze e superou esta área amplamente.

Roma é um caso muito mais complexo:

- no BM e BR: sinais de ocupação em Sant’Omobono, nas encostas meridionais do Capitólio;
- no BR mais tardio: a ocupação estende-se para o vale do Fórum;
- em seguida, na 1ª Idade do Ferro, inicia o assentamento no Palatino (seria uma extensão do primeiro assentamento?);
- neste mesmo período há uma reestruturação do tecido habitacional:
 - parte da área do Fórum muda de habitacional para área de necrópole
 - está próxima do Palatino
 - serve para outras áreas: aparecem vestígios também no Quirinal
- na Idade do Ferro recente acontecem mudanças mais drásticas:
 - cessam repentinamente deposições de adultos na necrópole do Fórum desde este momento, há exclusivamente deposições de crianças (prática consentida para o interior das casas). Com toda a probabilidade, esta área foi englobada no tecido habitacional que sofreu certamente uma nova reestruturação;
 - no mesmo momento, começa a utilização da necrópole do Esquilino.

Conclusão: houve a inclusão do Esquilino no âmbito de um grande centro urbano. O mesmo fenômeno se verifica com o Quirinal, que, certamente, pertence ao mesmo complexo de habitação. No caso de Roma, pode-se observar uma analogia com o desenvolvimento topográfico em Ardea.

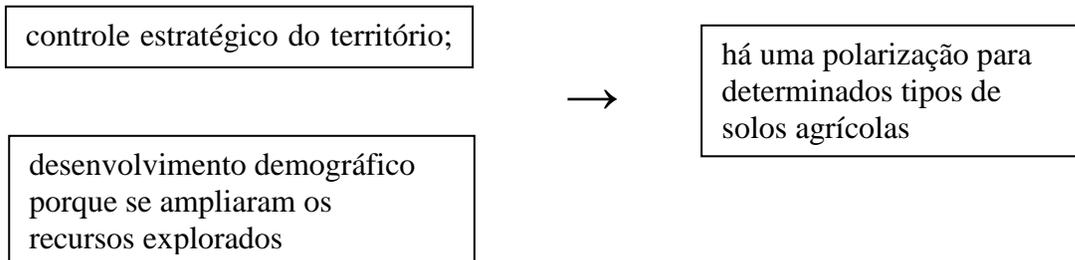
O assentamento proto-urbano da segunda metade do séc. IX e séc. VIII tornou-se um aglomerado cuja extensão é da mesma ordem de grandeza da maior parte dos principais centros da Etrúria “vilanoviana”.

2. Itália meridional fora da Campânia: Apúlia, Basilicata e Calábria

São processos semelhantes ao do Lácio, mas sem crescimento dos centros pré-existentes. Os territórios tiveram um desenvolvimento de tipo proto-urbano, mas que não se manifestou tanto no aspecto do assentamento e demográfico.

Na Basilicata e na Apúlia, os novos centros não apresentam diferenças de escala em relação aos mais antigos: Coppa Navigata; Scoglio Del Tonno; Torre Castellucia; Porto Perone; Satyrion; Otranto e Toppo Daguzo.

Na Calábria, os centros menores desaparecem totalmente, enquanto surgem centros intermediários. Os centros maiores sobrevivem em sua maior parte, mas deslocam-se para cotas mais altas (Serra Castello e Rossano), atendendo a novas exigências:



Não há uma diferença média de escala considerável entre centros antigos e novos para pensar num crescimento demográfico consistente que condicione em medida anormal as escolhas de assentamentos dos novos centros, como aconteceu no Lácio.

Os centros intermediários que surgem são dependentes dos centros maiores nas redondezas. Alguns deles têm uma morfologia nova e particular:

- platôs amplos (± 20 hectares);
- assentamentos ocupando uma pequena porção do território;
- bons solos para agricultura;
- circundados por encostas pouco abruptas;
- em confluência de dois rios

Pode-se pensar nos centros satélites dos grandes aglomerados etruscos da 1ª Idade do Ferro e na sua dupla função de controle estratégico do território da periferia e de valorização econômica de certas áreas. Esta é a situação típica de Síbaris, talvez anterior à da Etrúria meridional.

3. Itália setentrional e porção adriática da Itália central

Essa região apresenta uma continuidade de ocupação, mas de modo totalmente diferente do Lácio e da Itália meridional. Há um declínio demográfico e declínio dos vestígios arqueológicos, **sem uma concentração correspondente**.

As necrópoles usadas na 1ª Idade do Ferro já estavam em uso no BF. As que são interrompidas são muito mais numerosas do que as que continuam em uso. Com toda a probabilidade, estamos diante de uma **séria crise demográfica**. Na fase mais recente (séc. VIII a.C.), alguns centros retomam consistência não tanto pela densidade (Ancona, Novilara, Este, Pádua, Como, Cà Morta, Golasecca). Serão importantes nos séculos seguintes.